

PROCESSO DE FORMAÇÃO DA GÍRIA BRASILEIRA*

Ana Rosa Gomes CABELLO**

RESUMO: O objetivo deste artigo é observar como ocorrem os processos de formação da gíria brasileira, a fim de que se possa chegar à sua caracterização. Para tanto, a obra de ficção de JOÃO ANTONIO forneceu o corpus de estudo, uma vez que seus livros constituem valioso material dessa natureza.

UNTERMOS: Gíria, argot, níveis fonético, morfossintático, léxico e semântico.

1. PRELIMINARES

A gíria não é uma linguagem independente, mas, tal como o *argot*, forma parasitária da língua comum, da qual utiliza a fonética, a morfologia, a sintaxe e até boa parte do léxico. Assim, os processos de formação da gíria brasileira são os mesmos da Língua Portuguesa – conforme comprova o item 2 deste artigo.

Tal fato ocorre por igual com o *argot* de todas as línguas, resultando, no dizer de Otto Jespersen (7, p. 170), que esses diferentes *argots* apresentam características comuns, não só relativamente aos campos semânticos, mas também à preferência por determinadas imagens e metáforas, decorrentes do uso prioritário de tal ou qual processo de criação.

Com isso, importa observar se, na formação da gíria brasileira, têm validade as tendências de criação do *argot*, segundo Guiraud (6, p. 106-107); os processos de formação da gíria portuguesa, segundo Pinto (10, p. 105-136); os recursos lingüísticos de especialização semântica em subculturas, segundo Mehrotra (9, p. 10-15); e as características gerais do *argot* castelhano, segundo León (13, p. 16-18).

A existência de procedimentos comuns à gíria brasileira e aos usados na formação do *argot* francês, português, norte-americano e castelhano será testada no *corpus* organizado a partir da obra ficcional de João Antonio (1, 2, 3 e 4) com o objetivo de se chegar à caracterização desse tipo de linguagem.

* Este artigo constitui um dos itens, por ora reformulado, da Tese de Doutorado "Gíria: vulgarização de um signo de grupo?", apresentada ao Depto. de Lingüística da F. C. L. de Assis – UNESP – 19800 – Assis – SP.

** Depto. de Ciências Humanas da FAAC – Unesp – Bauru – SP.

A acepção dos termos de gíria será atualizada pelo contexto e pela consulta aos dicionários constantes das referências bibliográficas (14, 15, 16 e 17).

2. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA GÍRIA BRASILEIRA

A partir de estudos já realizados em outras comunidades lingüísticas – conforme alusão efetuada no item 1 – , os processos de formação da gíria brasileira serão observados nos níveis fonético, morfossintático, léxico e semântico.

2.1. *Nível fonético*

O *corpus* ilustra casos de alterações fonéticas por supressão, inserção e transposição de fonemas.

2.1.1. Supressão de fonemas

2.1.1.1. *Aférese*

Cagüeta, *cagüetes*, e *güenta* são exemplos de aférese, por apresentarem supressão de fonemas iniciais. No *corpus*, assim aparecem:

- (1) “*Se abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra cagüeta, que é o que mais dói para um malandro*”.
(1, 156, L 2)
- (2) “*/ ... / arregos bem arrumados com cagüetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; / ... /.*”
(1, 112, L 2)
- (3) *Güenta aí, meu compadre, que a gente vai comer uma galinha mais logo, /... /.*”
(2, 26, 2)

Esses casos de aférese apresentam:

cagüeta por *alcagüeta* (= delator);

cagüete por *alcagüete* (= delator);

güenta por *agüenta* (= suporta);

É preciso mencionar que o *corpus* também traz as formas *alcagüeta* (4, 146, L 10) (= ‘delator’) e *alcagüetagem* (4, 147, 2) (= ‘ato de denunciar alguém’), as quais não sofreram alterações aferéticas.

2.1.1.2. *Apócope*

Mala, *vagal*, *vagau*, *justa*, e *japa* são casos de apócope, uma vez que ocorreu a supressão de fonemas finais. Eis os termos contextualizados:

- (4) “*Sabia dormir com percevejo por perto e foi ali que aprendi a conhecer os tipos de malas.*”
(4, 140, L 1)

- (5) “Baixou os olhos, um vagabundo era um vagal e só.”
 (4, 140, L 1)
 “Eu sou limpeza pura, cadeeiro velho, vagau.”
 (4, 156, 9)
- (6) “Quando a justa, perua preta-e-branca dos homens da polícia roncava no asfalto, a verdade geral se punha na maioria dos olhos.”
 (1, 129, 4)
- (7) “Armaram e fizeram, no quieto, um furto, o tal alívio na pastelaria de um japa.”
 (4, 142, 4)

Esses casos de apócope apresentam:

malas por malandros;
vagal / vagau por vagabundo;
justa por justiça; e
japa por japonês.

OBSERVAÇÃO: Como a gíria é, genuinamente, marcada pela oralidade, ela apresenta certos acidentes gráficos. *Vagal* e *vagau* denunciam casos de indefinições gráficas.

2.1.2. Inserção de fonemas

2.1.2.1. *Suarabácti* – modalidade da epêntese, acréscimo de fonema no meio do vocábulo – por apresentar intercalação de vogal. Assim a inserção de fonema vocálico em *caften* configura-se como uma tendência da linguagem oral para desfazer grupos consonantais.

O *corpus* ilustra *cáften* transformado em *cafetão*, *cafiola*, conservando a mesma acepção: malandro que vive à custa de mulher, em:

- (8) “Com a blitz malhando, fechando em cima do trottoir, começava a tomar chá-de-sumiço aquele tipinho de cafetão, cafiolo, cafiola de uma mulher só.”
 (2, 25, 2)

Entretanto, não ocorre cafetinar, mas *caftinar*, onde o grupo consonantal *ft* não se desfez.

2.1.3. Transposição de fonemas

2.1.3.1. *Metátese*

Há, além de outras alterações fonéticas, transposição de fonemas na mesma sílaba em *groja*. Este caso de metátese, contextualizado abaixo, apresenta *groja* por *gorja*, (*gorjeta*).

- (10) “Depois, tem ainda a groja dos otários”.
 (2, 27, 3)

2.1.3.2. Hipértese

Grinfa também apresenta outras alterações fonéticas além da hipértese, transposição de fonema de uma sílaba para outra. Esse caso de hipértese apresenta *grinfa* por *grã-fina*, em:

- (10) “*Maneirando uns dias aí na casa de uma grinfa, mas daqui um nada vou dar no pé pra Brasília, / ... /.*”

(4, 155, 5)

2.1.4. Tonicidade

A gíria brasileira traz um bom número de criações oxítonas, dado coincidir com o tipo de formação popular mais comum.

- (11) “*/ ... / jogou a grana roubada – era tudo pixules, caraminguás, notas de um, de dois, de cinco cruzeiros.*”

(1, 144, 9)

- (12) *Mas eu estava no ambiente e não era vantagem aliviar o pororó dos loques – pra que otário quer dinheiro?*”

(2, 17, 1)

- (13) “*Havia farejado certo, havia batido lá, estava cara a cara com o mocó.*”

(4, 157, 5)

- (14) “*Os machos sugando, aspirando forte, repetindo, nervosos, o movimento de chupadão, fumacê querendo que ela corresse pelas veias.*”

Esses oxítonos trazem as seguintes acepções:

<i>pixulés</i>	= dinheiro miúdo;
<i>caraminguá</i>	= pouco dinheiro;
<i>pororó</i>	= dinheiro;
<i>mocó</i>	= esconderijo ou dinheiro escondido;
<i>fumacê</i>	= cheiro de maconha queimada.

2.2. Nível morfossintático

2.2.1. Sufixação

É certo que a sufixação parasitária que se processa na gíria moderna não é do mesmo tipo daquela do *argot* antigo, uma vez que, neste, determinados sufixos eram, de tempos em tempos, eleitos para servir de cauda a determinadas palavras já existentes, com intenção criptológica. Modernamente, a sufixação é patente na gíria,

sem obedecer a critérios determinados, mas com intenção expressiva e irônica. Daí aparecem formas inusitadas e/ou formas semelhante às da língua comum, conforme as citações abaixo:

(15) “Dois – três dias, eu estou perturbando na bocuncha, de sinuca, / ... /.”

(1, 159, 1)

(16) “Corrido da canuncha, me disse premiado pela justiça com cinco primaveras / ... /.”

(4, 158, 3)

Os dois exemplos mencionados comprovam que o sufixo – *uncha* não vigora como elemento semântico diferenciador, dado que os termos derivados *bocuncha* e *canuncha* equivalem aos termos *boca* e *cana*, dos quais se originam e têm o mesmo significado, a saber: local freqüentado por prostitutas, marginais e semelhantes e prisão, respectivamente.

Já em *cinidez* e *hotelesco*, citados a seguir, aparece um matiz intensificador e um matiz depreciativo, ao significar ‘descaramento excessivo’ e ‘hotel ínfimo, onde se pratica o lenocínio’.

(17) “Aquilo nem é cinismo: é cinidez.”

(1, 140, 6)

(18) “Os homens dos costumes partiram ansiosos para as ruas e de supetão fecharam hotelecos, meteram muito explorador de mulheres na cadeia.”

(2, 23, 3)

É preciso esclarecer que *bocuncha* e *canuncha* derivam-se de termos de gíria, enquanto *cinidez* e *hotelesco* provêm dos termos CINISMO e HOTEL, da língua comum.

O uso de sufixo, como elemento deformador, a fim de dissimular a identidade da palavra, tornou-se inteiramente livre e obedece a modos efêmeros. Assim, o acréscimo por sufixação é desordenado, conforme se vê nos casos infra e supra contextualizados.

(19) “Os majorengos das leis destacavam gente deles, de confiança e fé, para proteção daqueles bocas do inferno.”

(2, 19, 2)

(20) “O leão Miçanga deu sorte; ganhou as ruas, deu o pirandelo, tomou chá-de-pira / ... /.”

(2, 27, 2)

(21) “/ ... /, baixo nos salões de sinuca, entre merdunchos e ventanas, onde posso cheirar enviesado um outro serviço / ... /.”

(4, 152, 1)

(22) “Aquele menino Perus se mexia, esperteza e marotagem, se esgueirando e escapulindo como um susto.”

(1, 103, 5)

Nos casos mencionados acima, aparece *majorengo* por *major*, com acepção pejorativa; *pirandelo* por *pira*, com sentido de 'fuga'; *marotagem* por *maroto*, significando 'velhacaria'; e *merduncho*, que carrega a acepção depreciativa de *merda*: coisa insignificante; daí 'indivíduo explorado, pertencente à classe trabalhadora' ou 'indivíduo logrado no jogo'.

2.2.2. Codificação

Por codificação deve-se entender a possibilidade de se deformar uma palavra quando as circunstâncias o requeiram. O *corpus* não se ajusta a esse tipo de processo. O *largonji* dos franceses é um dos casos mais expressivos de codificação utilizado no final do século XIX, para designações monetárias. Tal codificação consiste na eleição de uma chave ou de uma fórmula (renovável tão logo se vulgarize), a qual determina as letras que devem figurar no início e no final de cada palavra, além de um sufixo criptológico, quando necessário. Assim a chave criptológica seria *l ... é, em leudé* (= 2 francos); *linvé* (= 20 centavos) etc.

Na verdade, *largonji* é uma codificação da palavra *jargon*. Trata-se, apenas, de um código. Existem, contudo, formas mais complexas de *largonji*, por exemplo, o *largonjen*, o qual traz o sufixo criptológico *-en*.

Por se tratar de formas momentaneamente codificadas, de origem criptológica, a codificação acabou se transformando em um jogo, pouco conhecido dos lingüistas. Uma comparação, em português, seria a linguagem do *P*, falada pelas crianças.

2.2.3. Reduplicação

Além de considerar o termo *mumunha* uma reduplicação, por haver a repetição da sílaba *mu*, pode-se, também, entender que se trata de onomatopéia, dado que o som sugere um murmúrio. O termo significa 'segredo'. E o demonstra a citação:

- (23) "E já que não sou mais carne, nem peixe, vou achando que a mumunha para chegar a policial, um dia, é endedando, engessando / ... /."
- (4, 147, L 2)

2.2.4. Invencionice

Sabe-se que os termos de gíria são criados ao bel-prazer popular, não obedecendo, portanto, a nenhuma norma ditada pela disciplina gramatical. Em se tratando de gênero, por exemplo, a gramática postula que o masculino de CADELA é o termo CÃO; no *corpus*, entretanto, figura a forma *cadelo* para o masculino. Ocorreu, pois, uma extensão de sentido: na linguagem familiar *cadela* carrega a acepção de mulher de procedimento censurável; daí fazer-se o masculino *cadelo* com a idéia de 'filho da cadela', constituindo um xingo.

- (24) "– E um cadelo. Será que ele não tem pai?"
- (1, 143, 2)

2.2.5. Analogia

Em *crocodilagem* percebe-se uma tendência à uniformização, quer dizer, a forma *crocodilo*, que conota 'traição', associou-se, por analogia, à mesma terminação de *malandragem* e de *alcaçuetagem*, para indicar 'qualidade, ato ou modos de crocodilo', ou seja 'indivíduo traiçoeiro'. Tal acepção se confirma pela citação abaixo:

- (25) “*De assim, que pensei estar a caminho de uma amizade de valia com um rato legal, uma boa gente da polícia, que se chegou para mim e convidou, na malícia escondida. Crocodilagem.*”

(4, 142, L 2)

2.2.6. Colocação pronominal

No âmbito da sintaxe, tanto a linguagem popular, quanto a gíria, da qual esta é ramificação, apresentam pronome átono em início de frase. No *corpus*, assim se expressa o personagem Bacanaço:

- (26) “– *Desguiando. Se raspando.*”

(1, 138, 9)

Se raspando carrega a acepção contextualizada de 'irem-se embora, esbarrando nas coisas, desenxabidos'.

2.2.7. Construções verbais

Pode-se, ao recorrer ao *corpus*, mencionar a predileção da gíria brasileira por construções com o verbo dar.

Algumas construções brasileiras com o verbo *dar* aparecem nas citações seguintes:

- (27) “*O que vai pintar de trouxa, espertinho, pé grande, muquirá, bêbado amador, loque, cavalo-de-teta, zé mané dando bandeira, doutor de falsa fama, papagaio enfeitado, quiquiriquis, langanhos, paíbas, não será fácil.*”

(2, 16, L 2)

- (28) “*Maneirando aí uns dias na casa de uma grinfá, mas daqui a um nada vou dar no pé pra Brasília, / ... /.*”

(4, 155, 5)

- (29) “*O bom menino, desmilingüido e de nada, tinha quase as qualidades para se tornar um homem de dar o serviço, um boca mole.*”

(4, 141, 3)

- (30) “*Um leão ajuizado, cabeça no lugar, maneiro, jeitoso, arranca a erva de todos: do gerente da casa, dos fregueses e de tudo quanto for mocrongo que aparecer dando sopa.*”

(2, 21, 1)

- (31) “*Dai, então, um querendo saber da vida do outro, como quem não quer nada. Dando o açúcar.*”
(4, 155, 3)
- (32) “*O tira corre o nome dos recém-chegados e resolve dar as boas vindas, chamar um a um.*”
(4, 154, 1)
- (33) “*E fique sabendo que essa de malandragem nunca deu camisa.*”
(4, 142, 2)
- (34) “*Enfrentaram, encararam e deram cartas em tempo de navalha / ... /.*”
(2, 21, 1)
- (35) “*O japonês correu à delegacia e, bocudo, mordido, deu com a língua nos dentes.*”
(4, 142, 4)
- (36) “*Viera dar com o lombo no Paratodos a troco de quê?*”
(1, 136, 4)
- (37) “*Os malandros grandes – / ... / – davam o tom e jogavam de mão na Lapa, num pedaço da Cinelândia e no Mangue.*”
(2, 21, 1)
- (38) “*Levei dois tecos na perna. E, olhem, dei sorte.*”
(4, 151, 2)

As várias combinações mencionadas com o verbo *dar* apresentam, obviamente, diversas acepções, conforme explicitadas abaixo:

<i>dar bandeira</i>	= proceder de modo pouco discreto;
<i>dar no pé</i>	= empreender fuga;
<i>dar o serviço</i>	= delatar
<i>dar sopa</i>	= distrair-se
<i>dar o açúcar</i>	= armar uma cilada;
<i>dar as boas vindas</i>	= receber com maus tratos;
<i>dar camisa</i>	= ser útil;
<i>dar cartas</i>	= chefiar;
<i>dar com a língua nos dentes</i>	= denunciar;
<i>dar o tom</i>	= ditar as regras;
<i>dar sorte</i>	= obter êxito.

2.2.8. Conjugação verbal

O maior índice de verbos da gíria brasileira é classificado na 1ª conjugação. Seguem alguns exemplos contextualizados.

- (39) “*E quando apareciam, gordos de dinheiro, otários oferecidos, era fora de hora e era sempre outro malandro quem os abocanhava.*”
(1, 109, 2)

- (40) “*Os comerciantes botavam a boca no trombone e, escandalosamente, bundeavam: acabavam chiando no noticiário da televisão.*”
(4, 155, L 1)
- (41) “*Descolo cagüetas que chegaram a ganhar um lugar de motorista ou carcereiro na Segurança Pública.*”
(4, 141, 1)
- (42) “*E vou espiantando: vivendo. Levo.*”
(4, 149, 1)
- (43) “*Maneirando uns dias aí na casa de uma grinfa, mas daqui a um nada vou dar no pé pra Brasília / ... /.*”
(4, 155, 1)
- (44) “*Miçanga com dez dias de trabalho me apronta.*”
(2, 26, 5)
- (45) “*Valentes muito sérios, professores de briga, ferviam, encaravam, arrepiavam os ambientes mais pesados e até os bailes de carnaval antigo.*”
(2, 20, 1)
- (46) “*O que dota era sofrer uma apoquentação e não poderem malhar o abusado que a vomitara.*”
(1, 140, 8)

Essas formas verbais trazem as seguintes acepções:

<i>abocanhar</i>	= apoderar-se de alguma coisa, utilizando-se de esperteza;
<i>chiar</i>	= reclamar, denunciando;
<i>descolar</i>	= obter;
<i>espiantar</i>	= evadir-se;
<i>maneirar</i>	= agir cautelosamente;
<i>aprontar</i>	= proceder indevidamente, ocasionando confusão;
<i>arrepiar</i>	= agitar, movimentar;
<i>vomitara</i>	= blasfemar.

2.2.9. Comparação

A gíria, servindo-se de recursos e de esquemas sintáticos, atinge a fraseologia, impregnando-a de tom expressivo.

A comparação consiste em se estabelecer algum ponto comum entre dois seres ou dois fatos. Daí poder-se mencionar as comparações entre as situações de *Perus* é um *bezerro enjeitado* e entre *Silveirinha* é um *galo*. O ponto comum a *Perus* é um *bezerro enjeitado* é a situação de desamparo; já entre as condições de *Silveirinha* e o cantar de *galo* está implícito o sentido comum “autoritarismo”.

Seguem as citações

- (47) “*Diabo, (Perus) estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enjeitado.*”
(1, 136, 5)
- (48) “*Ali, (Silveirinha) cantava de galo, dava cartas, jogava de mão, mexia e remexia, a condição de mando era sua.*”
(1, 134, 16)

2.2.10. Perfrase

A perfrase consiste no emprego de uma frase para exprimir uma idéia que pode ser expressa por uma simples palavra. Com isso, no exemplo abaixo, *chamou na chinha* está por ‘repreendeu’ e *corre a mão* está por ‘furta’.

- (49) “*Aí, o velho me chamou na chinha, sacrificio tinha de ser de todos e mandou que me explicasse.*”
(4, 139, 6)
- (50) “*Mas um cara altamente cabeça não corre a mão em duzentos mil do alheio, / ... /.*”
(4, 143, 7)

2.2.11. Hipérbole

A hipérbole consiste num exagero de expressão, como ocorre em:

- (51) “*As notas deram sossego e depois considerações e depois se lamentaram os dois, que a roda de vida no Joana d’Arc poderia ter dado até dez contos.*”
(2, 18, 1)
- (52) “*Falando claro, até gosto que se pense assim: minha dissimulação é dos sete capetas.*”
(2, 18, 1)

No primeiro caso, o exagero incide no valor imenso reservado ao dinheiro destinado às apostas do jogo; a importância é tamanha que é considerada “*roda de vida*”.

No segundo caso, o exagero incide na junção de todas as idéias maléficas sugeridas pelo termo *capeta* com o número cabalístico *sete*, sempre seduziu a imaginação popular. Daí a dissimulação do Leão-de-chácara ser, simplesmente, ‘perfeita’.

2.2.12. Frases rimadas

A obra de João Antonio está repleta de frases feitas (CF. Cabello, 5, p. 72); todavia, aqui deveriam ser aproveitados apenas casos que se enquadrem no terreno da gíria. É certo que os termos de gíria são repassados pelas frases feitas, provérbios e expressões populares, uma vez que não há limites nítidos entre esses diferentes fe-

nômenos lingüísticos. Conseqüentemente, deliberou-se mencionar alguns exemplos dessa natureza, a fim de se aclarar a linguagem expressiva do autor.

- (53) “*De-repentemente, urubu tá comento gente.*”
 (Frases feitas)
 (4, 133, epígr.)
- (54) “*Que se foda o andor qu’ eu não me chamo Nicanor.*”
 (Frases feitas)
 (4, 144, 2)
- (55) “*Quem usa, cuida.*”
 (Provérbio)
 (4, 149, L 2)
- (56) “*Um chove não molha.*”
 (Expressão popular)
 (1, 108, 11)

2.2.13. Formas de negação

Uma das formas de negação é a repetição da negação no final da sentença, como em:

- (57) “*O menino não gostava daquele esculacho não.*”
 (1, 128, 2)

Outra forma é sua utilização para cada verbo, a fim de não ocasionar ambigüidade, como em:

- (58) “*E não conheço um que não seja magro, espantado.*”
 (44, 146, L 15)

Outra, ainda, é a simetria na exigência da negação do verbo, como em:

- (59) “*Estava naquela e julgava vidão, que não julgava rodagem nenhuma, curto e sem picardia.*”
 (4, 140, 2)

É certo que essas formas de negação são as apontadas para a variedade popular do português, segundo Lemle (8, p. 79).

2.2.14. Formas de despedida

O *corpus* não apresenta. Entretanto, há na gíria brasileira a forma *tô chegando*, bastante utilizada como tal.

2.2.15. Formas de desprezo

Há uma clara hostilidade relativa a todos aqueles que não integram o grupo restrito, perpassada por um matiz irônico e antitético, perceptível em:

(60) “– *Como é que é*, distinto? *O senhor vai pagar?*”

(2, 27, 1)

(61) “– *Vem cá meu considerado.*”

(4, 142, 1)

2.2.16. Uso de meios não verbais de comunicação

Esse item não se relaciona com o *corpus*; contudo, parece pertinente mencionar que Capello*, em termos de comunicação secreta usada pelos criminosos, desenvolve uma pesquisa acerca de figuras enigmáticas, sinais sonoros, sinais luminosos e cromáticos, criptografia, e efetua um estudo da tatuagem como índice de periculosidade.

2.3. *Nível léxico*

O vocabulário especial constituído pelos termos de gíria veicula significados especiais dados às palavras comuns, configurando-se em forma de:

2.3.1. Neologismo, estrangeirismo, empréstimos

Pode-se considerar a gíria como fonte de produção de palavras novas, criadas como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a palavra já existente.

E mister, neste ponto, deslindar as noções de neologismo, estrangeirismo e empréstimo. Antes, porém, é preciso esclarecer a distinção entre neologismo e neologia.

Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Assim, neologia é o fato e neologismo é o termo, a criação vocabular nova, incorporada à língua. Cumpre ressaltar que, numa primeira fase, o neologismo aparece como estrangeirismo – usado ocasionalmente –; a partir do momento em que o uso se torna mais freqüente, passa a peregrinismo – fase transitória –; finalmente, será considerado empréstimo, quando já definitivamente incorporado à língua e dicionarizado.

Embora a maior parte dos estrangeirismos não se localize na gíria, mas na língua técnica dos esportes, do jornalismo, da publicidade e da propaganda, o *corpus* denuncia a presença de termos oriundos do inglês, do francês, do alemão, línguas que carregam um prestígio de ordem cultural. É certo que os termos arrolados abaixo foram considerados termos de gíria em etapa anterior, pois, uma vez registrados por dicionário comum, deixam de configurar como gíria e/ou como estrangeirismo. Mesmo assim, apenas para elucidar o item, serão apontados alguns empréstimos:

* CAPELLO, B. Documentário de criminalidade. *Revista Acadêmica*. Faculdade de Direito do Recife. Pernambuco, v. 51, p. 133-247, 1943.

dancing = casa de danças (pagas);
trottoir = passeio de meretriz em busca de fregueses;
blitz = batida policial rápida.

Estão contextualizados nas citações:

(62) “Tive mulher na vida, na rua, ou nos dancings, se virando e mordendo os trouxas.”

(2, 17, 1)

(63) “Com a blitz malhando, fechando em cima do trottoir, começava a tomar chá-de-sumiço aquele tipinho de cafetão, / ... /.”

(2, 25, 2)

Diga-se, de passagem, que o estrangeirismo conserva os caracteres fônicos e formais da língua de origem e que o empréstimo, ao transitar da língua de origem, passa a uma forma aportuguesada. Com isto, pode ocorrer adaptação fônica e, conseqüentemente, gráfica. Entretanto, *dancing*, *blitz*, *trottoir* conservam os caracteres fônicos e gráficos das línguas de origem. Diferentemente, *boate* é forma aportuguesada do termo francês “boite”, conservando a pronúncia original.

Boate aparece na citação que segue:

(64) “O luminoso se acende e, / ... / isto aqui, a que os otários e os espertinhos chamam de boate está aberto na noite.”

(2, 15, 1)

A criação de uma palavra nova exemplifica o neologismo formal; o emprego de uma palavra com sentido diferente constitui o neologismo semântico. O *corpus* presta-se a ilustrar, significativamente, casos de neologismo semântico, por estar repleto de termos comuns com acepções especiais.

Cabe, neste ponto, estabelecer um paralelo entre os três estágios da gíria. A seqüência estrangeirismo, peregrinismo e empréstimo, do primeiro, corresponde a seqüência gíria de grupo, gíria comum e linguagem comum, da segunda.

O empréstimo de língua estrangeira é de baixo rendimento, dado não ocorrer alteração semântica. Ao aportuguesar-se o termo, passa por adaptação fônica ou gráfica. E o caso de *cañen*, proveniente do lunfardo (gíria da ralé de Buenos Aires), que em português passou a *cafetão*.

(65) “Com a blitz malhando, fechando em cima do trottoir, começava a tomar chá-de-sumiço aquele tipinho de cafetão, cafiolo, cafiola de uma mulher só.”

(2, 25, 2)

Diferentemente dos empréstimos, os estrangeirismos consistem em termos que não se vernacularizam. Com isso, são usados com a mesma grafia e a mesma pronúncia da língua de origem.

O português do Brasil e o de Portugal estão em contato geográfico com o espanhol, podendo tomar empréstimos a este último, como os registrados no *corpus*:

charla = conversa com o intuito de ludibriar;
engrupir = esconder, enganar;
bacana = indivíduo em condições de ser roubado.

Estão esses termos assim contextualizados:

(66) “*Pela charla que diziam e pela manha com que vinham.*”

(1, 110, L 5)

(67) “*Já para os homens, os canas, o meu quieto engrupido poderia render / ... /.*”

(4, 141, 4)

(68) “*De boas falas é que eu gosto, Bacana.*”

(1, 138, 5)

Fato a notar é que os empréstimos provenientes da Argentina integram a fala dos marginais (afirmando por Pinto (10, p. 98) e confirmado pelo *corpus*).

(69) “*/ ... /, acabarei dando muitas de cerca-lourenço, muita piada e bastante pau nessa cambada de fariseus, / ... /.*”

(2, 16, 1)

(70) “*/ ... /, o meu quieto engrupido poderia render se infiltrado na campana, a fim de espionar em várias situações.*”

(4, 141, 4)

Piaba, grafia que o *corpus* registra para *biaba*, significa ‘bofetada’. *Campana* significa ‘ação policial no encalço de alguém’.

Com relação aos termos de gíria que gravitam nas línguas portuguesa e espanhola das Américas, aquela autora alude para a possibilidade de tratar-se de pan-americanismos, decorrente de um fundo comum ibérico.

Já os empréstimos indígenas e africanos, embora constituam objeto de dúvida quanto ao seu étimo verdadeiro, não concorrem fortemente para a contribuição da gíria. Provavelmente, a falta de prestígio das línguas de proveniência seja responsável pela escassez de termos encontrados. Com isso o *corpus* registra apenas: “babaquarar”, “capenga” e “mocó”, em:

(71) “*Grana lá tem ds pampas, otários aos montes, os coronéis babaquarando e a mina se arruma, ganha quanto quer.*”

(4, 156, L 2)

(72) “*O velho Malagueta, capenga, se arrastava na retaguarda, tropicando nas calçadas, estalando os dedos e largando pragas.*”

(1, 113, 4)

(73) “*/ ... / tinha seu mocó encafuado num hoteleco de Boca do Lixo, / ... /.*”

(4, 137, 1)

Babaquarar tem o sentido de ‘passar-se por tolo’; *capenga*, o de ‘coxo’ e *mocó*, o de ‘esconderijo’.

2.3.2. Ressurgimento de formas antigas

A renovação constante é marca característica da gíria. Todavia alguns termos parecem voltar, depois de um período de desaparecimento, com o sentido anterior ou com sentido modificado. Não há documentação sistemática que comprove esse trânsito; por isso toma-se *A gíria portuguesa* de Alberto Bessa⁽¹²⁾, publicada no início do século, como parâmetro de comparação com o *corpus*, fruto das décadas de 70 e 80, para mostrar formas vivas, hoje com o mesmo sentido e outras com sentido diferente.

- (74) “*Armaram e fizeram, no quieto, um furto, o tal alívio na pastelaria de um japa.*”
(4, 142, 4)
- (75) “*Arrumava emprego ou caía no mundo.*”
(4, 139, 6)
- (76) “*Se até políticos apareciam no Bola, cuidar do caroço não era fácil.*”
(2, 21, L 7)
- (77) “*Aquilo era um safado precisando de lição. A curriola se enfezou.*”
(1, 105, 3)
- (78) “*Levei dois tecos na perna. E, olhem, dei sorte.*”
(4, 151, 2)
- (79) “*E costume dizer que levei uma esparrela por causa de mulher.*”
(4, 151, 3)
- (80) “*Porque valente é brabo, lei do cão, ferrabrás, encrenca ruim.*”
(4, 150, 3)
- (81) “*Era um tempo de pisada brava e um porteiro da noite tinha de ser um acordado e manhoso.*”
(2, 21, 1)
- (82) “*Ralinha, minha prisão foi de araque, de grupo. Uma palha.*”
(4, 154, 4)
- (83) “*Mas o pedaço de zé mané estava duro, tesó.*”
(2, 27, L 2)
- (84) “*O que dóla era sofrerem uma apoquentação e não poderem malhar o abusado que a vomitara.*”
(1, 140, 8)

Figuram com a mesma acepção, no *corpus* e em Bessa⁽¹²⁾, os termos:

<i>alívio</i>	= furto;
<i>cair no mundo</i>	= desaparecer;
<i>ferrabrás</i>	= homem de mau gênio, valentão;
<i>tesó</i>	= sem dinheiro.

A acepção atualizada pelo *corpus* diverge da apresentada por Bessa⁽¹²⁾ em relação aos seguintes termos:

TERMOS	ACEPÇÕES	
	de <i>BESSA</i>	do <i>CORPUS</i>
<i>caroço</i> =	dinheiro	tarefa árdua
<i>curriola</i> =	armadilha	turma
<i>dar sorte</i> =	zangar-se	obter êxito
<i>esparrela</i> =	logro	confusão
<i>manhoso</i> =	ordinário	astuto
<i>palha</i> =	coisa insignificante	mentira

2.4. Nível semântico

Significado especial dado às palavras comuns. Os nomes podem ser divididos em conotativos e não-conotativos. O não-conotativo significa somente um sujeito ou somente um atributo. Já o conotativo designa um sujeito e implica um atributo. Os nomes próprios são classificáveis em não-conotativos, por designarem o sujeito, sem que estejam implicados seus atributos, e configurados apenas como sujeitos possíveis do discurso, enquanto os nomes comuns e os adjetivos são conotativos.

O caráter polissêmico das palavras possibilita empregos conotativos, vale dizer, em sentido não-literal e efetivo, subjetivo, podendo, às vezes, ser associado ao sentido literal, denotativo, referencial.

A gíria é uma linguagem de conotação porque nela o plano da expressão constitui por si só uma linguagem que remete a um significado específico. Este significado específico vem a ser um segundo nível do plano de conotação, o qual já possui um primeiro nível, sobreposto ao plano denotativo.

A palavra CAROÇO, por exemplo, tem, no plano denotativo, o significado de 'núcleo lenhoso e duro de certos frutos', e, no plano conotativo, em nível 1 (gíria comum), entre outros, os significados de *dinheiro* e *engasgo*, e, em nível 2 (gíria de grupo), o significado de coisa complicada, tarefa árdua e pouco rendosa.

O recurso lingüístico de se conferir novo significado a palavras comuns concorre para a manutenção do sigilo e da autenticidade do grupo restrito, face a outros grupos e, por que não dizer, face à cultura dominante.

São exemplos de tal recurso:

caroço, por denotar o núcleo muito duro dos frutos, estende seu significado para a acepção conotativa de 'dureza', de 'tarefa árdua, difícil e pouco rendosa';

palha, por denotar a haste seca das gramíneas, por isso mesmo quebradiça, estende seu significado para a acepção conotativa de 'fragilidade'. Daí, 'mentira', como acepção especial.

Eis a contextualização dos termos:

- (86) “*Ralinha, minha prisão foi de araque, de grupo. Uma palha.*”
(4, 154, 4)
- (85) “*Se até políticos apareciam no Bola, cuidar do caroço não era fácil.*”
(2, 21, L 7)

2.4.1. Alterações semânticas

A gíria é permeada de um esforço semântico de intensificação. Os diminutivos, aumentativos e superlativos, livres de função de grau, assumem sentido afetivo ou pejorativo, como em:

- (87) “– *A gente ainda vai à forra, velhão. Bacanaço deu um tapa no paletó imundo de Malagueta. – Deixa estar.*”
(1, 141, 2)
- (88) “*Eu dei bola, um tapa no fuminho, fingi tragar profundamnte, chupado.*”
(4, 158, 1)
- (89) “*Agora, se gostasse, gostava. Era igual, amigão. Ninguém botasse a mão em amigo seu.*”
(1, 106, 1)
- (90) “*Fico sabendo que a Secretaria não dá verba aos cachorrinhos, mas manda imprimir e lhes fornece, na moral, umas carteirinhas de agente reservado.*”
(4, 145, L 2)

Os termos *velhão* e *amigão* trazem o sentido afetivo de ‘grande amigo’ e de ‘amigo leal’. Já *fuminho* e *cachorrinho* conotam ‘cigarro de maconha’ e ‘delator subserviente’.

2.4.2. Acidente semântico

Consiste numa confusão ou contaminação operada sobre os sentidos de dois termos, cujas formas se cruzam, produzindo um só. O *corpus* registra *tardinheiro*, cruzamento de TARDE + DINHEIRO, onde os sentidos se fundem, resultando na acepção seguinte: ‘retardatário que chega com o dinheiro’. Contextualizado em:

- (91) “*Chega o tardinheiro.*”
(4, 137, 6)

A etimologia complexa configura-se como um acidente semântico em que se opera uma confusão sobre o sentido próprio das palavras. É o caso da etimologia popular ou falsa etimologia, que nem sempre é inconsciente, por intencionar transformações irônicas da imagem inicial. Convergem para este caso a atração homônima e a analogia.

É o caso do termo *mamoeiro*, evoluído de *mamão*. O termo *mamão* tem, no plano denotativo, duas acepções: (a) como substantivo, designa o fruto do mamoeiro; (b) como adjetivo, designa ‘aquele que mama’.

A acepção (b) é que, por deslizamento semântico, dá para o termo, no plano conotativo, o sentido (c) ‘indivíduo que intenciona usufruir lucros com grandes facilidades’. Com o deslizamento semântico processa-se uma translação sintática do tipo ad-

jetivo substantivo (adjetivo substantivado). Tornado substantivo, o termo *mamão* facilmente, por processo de sufixação evolui, no plano estrutural, para *mamoeiro*, por analogia com *mamão* na acepção (a). O termo conserva, porém, no plano semântico, a acepção (c). Quer isto dizer que o sufixo não exprime idéia de coleção, mas é apenas um sucedâneo intensivo da acepção (c). Houve, como se vê, um cruzamento do plano estrutural (forma) com o plano semântico (sentido).

- (92) “*Enquanto pareço uma maria-judia e um merduncho, vou mexendo minhas arrumações e tenderepás, que só o meu povo, os cabras sarados da noite, os boiquiras das landrices, os mamoeiros muito acordados é que sabem.*”
(2, 18, 1)

2.4.3. Uso de nome próprio com sentido especial

Esse uso se dá para, num primeiro momento, confundir os não integrados ao grupo restrito; posteriormente, quando esse termo se vulgariza, pode continuar a ser utilizado pelo grupo, principalmente quando carrega um matiz depreciativo. É o caso, por exemplo, de *dona maria*, expressão com o qual o grupo marginal se refere à polfícia.

Aparece assim contextualizada:

- (93) “*Cheguei à favela com o pessoal de dona maria e já dentro do camburão tive de desempenhar como macho.*”
(4, 151, 1)

2.4.4. Especificação de sentido

É o emprego, por pessoas de grupo restrito, de um termo geral com acepção diferente daquela utilizada genericamente.

Os termos contextualizados podem exemplificar:

- (94) “*Como pôde largar aqueles dois crocodilos?*”
(1, 121, 2)
- (95) “*Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, a moral abaixo de zero.*”
(1, 140, 1)

De emprego genérico, *Crocodilo* passou do significado de ‘réptil da ordem dos crocodilos’ para um sentido especializado, no grupo marginal: ‘indivíduo traiçoeiro’. Já *Abaixo de zero* sofreu uma generalização de sentido, ao extrapolar de um emprego relativo à temperatura baixa para um emprego vulgarizado de ‘estado depressivo de espírito’.

2.4.5. Nomear a qualidade para denotar o objetivo (sinédoque)

- (96) “*Ou junto com a cagüeta, se injeta uma picada, um pico, um euforizante, se fica tomado e se desanda a contar vantagem, tretas, presepadas.*”
(4, 152, 2)

(97) “*Traquejo-me nessa de federal e ao me transformar em informante porreta da massa policial tenho de enfrentar situações novas*”

(4, 150, 6)

Euforizante e federal, em vez dos denotativos respectivos ‘aquilo que deixa eufórico’ e ‘aquilo que pertence à federação’, designam o ‘entorpecente’ e o ‘delator’.

2.4.6. Metonímia

A metonímia explicita as ações e as emoções humanas, por meio dos órgãos em que se cumprem ou se manifestam, geralmente. Podem ser apontadas as seguintes citações:

(98) “*O crioulo Carniça, no susto, vai ensaiar qualquer coisa. Que isto foi ca-güeta e alguém abriu o bico.*”

(4, 138, 9)

(99) “*O japonês correu à delegacia e, bocudo, mordido, deu com a língua nos dentes.*”

(4, 142, 4)

O metonímico em *abriu o bico e deu com a língua nos dentes* converge para a acepção ‘denunciar’.

2.4.7. Uso de palavra pelo seu ritmo e valor musicais

Bochecho e *chiando*, contextualizados abaixo, são exemplos de termos cujo efeito sonoro parece intensificar o significado de cada um: ‘boato’ e ‘modo de reclamar’. Já em *nem vem que não tem* é aproveitado o valor da musicalidade expressa pela rima.

(100) “*O peixe morre pela boca e no meio da massa da malandragem os cochichos e os bochechos correm feito rastilho de pólvora.*”

(4, 143, 5)

(101) “*Os comerciantes botavam a boca no trombone e, escandalosos, bundeavam: acabaram chiando no noticiário da televisão.*”

(4, 155, 11)

(102) “*Mas se dá que eu sou um boca de mocó e daqui não se arranca nada. Nem vem que não tem.*”

(2, 22, 13)

2.4.8. Composição

Em se tratando de processo de composição popular, pode-se observar a repetição de fonemas, com propósito onomatopaico, ou a repetição de bases significativas, com propósito intensificador.

Do primeiro tipo aparecem os vocábulos imitativos:

pé-pé-pé...pé-ré-ré-pé = ‘conversa sem proveito’;
quiquiricar = ‘agir com uma pseudo-superioridade’;
quiquiriqui = ‘indivíduo pretensioso’.

O *corpus* ilustra o segundo tipo com:

mumunha = ‘segredo’;
batido batidinho = ‘desolado, inconsolável’.

Os termos apresentam-se contextualizados como segue:

- (103) “ – Pé-pé-pé...pé-ré-ré-pé não interessa, velho. Cadê a grana?”
 (2, 222, 3)
- (104) “Quiquiricavam e mandavam de galos nos cabarés e leonavam,/.../.”
 (2, 20, 2)
- (105) “O que vai pintar de trouxa, espertinho,/.../. quiquiriquis, langanhos, palbas, não será fácil.”
 (2, 16, L 3)
- (106) “E já que não sou mais carne nem peixe, vou achando que a mumunha para chegar a policial, um dia, é endedando, /.../.”
 (4, 147, L 2)
- (107) “Dinheiro nos bolsos havia, que sobrava algum da divisão de Bacanaço e de exploração de Silveirinha, mas por dentro iam batidos batidinhos.”
 (1, 144, 8)

As composições equivalentes a qualificadoras de valor adjetivo e de valor adverbial são ilustradas com:

<i>cavalo-de-teta</i>	=	‘efeminado’
<i>cerca-lourenço</i>	=	‘(dar uma de) teimoso’;
<i>mal topado</i>	=	‘antipático’;
<i>na baba do quiabo</i>	=	‘lábua’;
<i>pinta-firme</i>	=	‘disposto’;
<i>trinta anos de janela</i>	=	‘muita experiência’.

Contextualizam-se assim:

- (108) “*Mocorongo, trouxa, pixote, cavalo-de-teta, otário, vida mansa algum perceberia o que se passa com Malagueta, Perus e Bacanaço.*”
(1, 141, 1)
- (109) “*Na noite malhada e escrota, /.../, acabarei dando muitas de cerca-lourenço, muita piaba e bastante pau nessa cambada de fariseus, sambudos e mal-topados.*”
(2, 16, 1)
- (110) “*Mulheres de hora moviam as cabeças para a direita, para a esquerda, para a frente, na tarefa de chamar homem.*”
(1, 131, 5)
- (111) “*O bicho sabia que podia me ganhar na manha, na baba do quiabo, na saliva, na psicologia.*”
(4, 142, 5)
- (112) “*/.../, malandro bom, de fé, o pente fino, um pinta-firme.*”
(4, 153, 3)
- (113) “*De mais a mais, em trinta anos de janela é raro um cara que saiba meu nome – Jaime.*”
(2, 19, L 1)

2.4.9. Antítese

A oposição antitética pode ser ilustrada por meio dos sintagmas *Boca do Luxo* e *Boca do Lixo*, verdadeiro caso de paronomásia, os quais se referem a duas realidades antagônicas de situações: uma, ao local povoado por indivíduos bem-sucedidos e engajados no sistema social convencionalizado e prestigioso, e a outra, ao local povoado por gigolôs, dedos-duros, prostitutas, toxicômanos, ou seja, elementos marginalizados do sistema defendido pela sociedade dominante.

- (114) “*Sebastião de Pé de Chumbo gosta de comer no sossego, o seu filé com salada de agrião, azeitada bem, num restaurante beleza da Boca do Luxo, ali por volta das três, três e meia da tarde.*”
(4, 160, 6)
- (115) “*Ainda na Boca tem a lei – mulher ofereceu, malandro não comeu, pau nele. /.../. Esse marcar bobeira na barriga da Boca do Lixo, debaixo do sol ou da luz elétrica, dá xadrez com facilidade.*”
(4, 140, 2)

2.4.10. Metáfora e epíteto de natureza

a) O termo *boca*, denotativo, é a ‘cavidade bucal localizada na parte inferior da face’. Metaforicamente – sendo a coisa designada por um de seus aspectos particulares

e significativos –, apresenta vários sentidos, entre os quais podem ser destacados os seguintes:

(116) “*Ainda na Boca tem a lei – mulher ofereceu, malandro não comeu, pau nele.*”

(4, 140, 2)

Boca, aqui, é nome próprio, forma elíptica de Boca do Lixo, significando ‘local onde se reúnem prostitutas, malandros e semelhantes’.

(117) “*Há sempre um e outro forte, de esporte, das academias de luta, querendo uma boca como leão.*”

(2, 28, 3)

Neste caso, *boca*, nome comum, significa ‘colocação’, ‘emprego’.

(118) “*A Vila famosa na boca de todos os malandros, onde Perus se viraria.*”

(1, 135, 1)

Significa ‘na opinião’ de todos os malandros.

b) como epíteto (designada a coisa por uma de suas qualidades), o termo *boca* é tomado em sentido pejorativo e designa um indivíduo: ‘delator’, ‘denunciante’. Apresenta-se carregado dos seguintes matizes: ‘subserviência desprestigiante do delator e menosprezo’ da parte das pessoas que a ele se referem.

Outros casos são *cavalo* e *cobra* que extrapolam o sentido de ‘animal mamífero, da ordem dos perissodáctilos’ e ‘espécime dos ofícios’ respectivamente, para impregnar-se de um sentido metafórico: ‘empregado subserviente’ e ‘indivíduo astuto e exímio em dada atividade’, também respectivamente.

(119) “*É uma variedade de peças: dos parceirinhos, jogadores, patrões e cavalos, curiosos, remandioleiros, /.../.*”

(4, 153, L 6)

(120) “*Em cima dele foram e gramaram muitos e muito esperto perdeu o rebo-lado, e muito cobra ficou falando sozinho, esfacelado em volta da mesa, como coruja cega.*”

(1, 133, L 3)

2.4.11. Metáfora e ironia

Pinto (10, p. 124) afirma que a metáfora e a ironia não são tão produtivas na gíria brasileira, quanto na portuguesa, uma vez que esta é proveniente do meio universitário, enquanto aquela é proveniente das classes mais incultas. É o *corpus* fruto do grupo marginal, mas mesmo assim, essas figuras podem nele ser exemplificadas.

A metáfora, processo favorito da gíria, ao transpor áreas de significação, concorre para a mudança semântica de termos. Esse recurso, mais acessível do que a criação de termos novos, possibilita a multiplicação polissêmica que o termo próprio não chega a evocar por si só. Com isso, muitas vezes, o sentido de uma palavra empregada

metaforicamente só pode ser satisfatoriamente interpretado mediante locuções, fragmentos de frase ou frases inteiras, como nos exemplos:

- (121) “*Funcionavam como pares de fortíssimas, como bárbaros, como relógios. Piranhas.*”
(1, 102, 2)
- (122) “*E são abusados e desbocados e têm apetite de aproveitadores. Piranhas esperando comida.*”
(1, 137, L 1)
- (123) “*Robertinho, um bárbaro, piranha manhosa e o pior – escondia jogo.*”
(1, 155, 5)
- (124) “*Mas onde há jogo bom, piranha vem morder.*”
(1, 108, 7)

O termo *PIRANHA*, do tupi *pi'rai*, significa ‘corta a pele’. No *corpus*, conota ‘indivíduo sagaz, com uma rapidez ritmada’; ‘alusão ao perseguidor’; ‘indivíduo astuto e traçoeiro’; e ‘malandro astuto’.

A manifestação de sarcasmo e ironia surgem, nos contos de João Antonio (1, 2, 3 e 4), como forma de auto defesa e de hostilidade do grupo marginal frente às pressões advindas do grupo dominante, não marginal. Essa hostilidade por tudo e por aqueles que não pertencem ao grupo restrito torna-se transparente no momento em que a ironia se soma ao humor e resulta no sarcasmo ferino, com relação às ameaças de autoridades, instituições, entidades. Como o *corpus* reflete a visão de mundo de um grupo marginal, a hostilidade se patenteia em direção às autoridades e instituições policiais, conforme as citações abaixo demonstram:

- (125) “*Aqueles machuchos da PE tinham os bailes na mão /.../.*”
(2, 20, 2)
- (126) “*/.../ e criando nome no meio dos majorengos.*”
(4, 145, 1)
- (127) “*De assim, que pensei estar a caminho de uma amizade de valia com um rato legal, um boa gente da polícia.*”
(4, 141, 5)
- (128) “*Lima, tira aposentado /.../.*”
(1, 115, 5)
- (129) “*/.../ e sem a delação o campo de ação da dona-justa desmilingüiria.*”
(4, 147, 2)
- (130) “*Cheguei à favela com o pessoal da dona-maria e já dentro do camburão tive de desempenhar como macho.*”
(4, 151, 1)

Com isso, há referência aos ‘policiais importantes da Polícia do Exército’; ‘delegado de polícia’; ‘agente de polícia’; e à ‘polícia’, cristalizando-se, assim, todo um menosprezo pela *justa* (justiça) que, ironicamente, recebe a forma de tratamento “dona”, que impõe uma distância e denota autoridade. Entretanto, no caso, conota uma redundância sarcástica, porquanto a justiça é tida como autoritariamente justa. O desprestígio e hostilidade se confirmam mediante o humor, também sarcástico, que desfaz desta “dona”, que passa a ser “dona-maria”, quer dizer, recebe um cognome extremamente vulgar, até despersonalizado – maria –, inclusive com minúscula.

2.4.12. Substituição sinonímica e série sinonímica

A sinonímia dá à gíria uma riqueza loquaz, porque a abundância de uma série sinonímica exprime unicamente uma noção singular. É o caso, por exemplo, de *delator*, que comporta as substituições que figuram na citação seguinte:

- (131) “*Uma viração do cão, em que se leva tudo quanto é nome, “entrega até a mãe”, o chagal, o alcagüeta, o cachorrinho, o delator, o informante, o dedão, o reservado, o que fala, o federal, o engessador, boca mole, o dedoduro.*”

(4, 146, L 8)

Dinheiro comporta as substituições contextualizadas a seguir:

- (132) “*Tutu, o vento, o verdadeiro, a erva.*”

(2, 28, 2)

- (133) “*Vocês vão se virar para me dar algum.*”

(1, 111, 5)

- (134) “*É um derrame, meu: correndo a gaitolina, prosperando.*”

(4, 155, 5)

- (135) “*Aquilo que dá grana, dá canseira.*”

(2, 18, L 10)

- (136) “*Onde tem granolina, piranha vem morder.*”

(4, 152, 1)

- (137) “*‘/.../ era vantagem aliviar o pororó dos loques, pra que otário quer dinheiro?’*”

(2, 17, 1)

O *corpus* apresenta algumas possibilidades que convergem para a idéia de ‘fuga’. São elas, entre outras:

- (138) “*O leão Miçanga deu sorte: ganhou as ruas, deu o pirandelo, tomou chá-de-pira e até agora ninguém viu que buraco, fora do alfalto, ele se enfiou.*”

- (139) “*Com a blitz malhando, fechando em cima do trottoir, começava a tomar chá-de-sumiço aquele tipinho de cafetão /.../.*”

(2, 25, 2)

- (140) “*Maneirando af uns dias na casa de uma grinfa, mas daqui a um nada vou dar no pé pra Brasília, que lá está morrendo gente.*”
(4, 155, 5)
- (141) “*Está corrido pelos morros.*”
(2, 27, 2)
- (142) “*– Saí de pinote do Rio.*”
(4, 158, 2)

2.4.13. Palavra-eixo e conceitos-eixo

Neste ponto, antes de proceder ao exame das palavras-eixo e dos conceitos-eixo (conforme León (13, p. 17-18)), é preciso considerar a questão dos campos lexical e semântico.

Com relação ao sentido, a questão é saber onde descobrir o sentido da(s) palavra(s). Pode-se pensar que ele esteja na própria palavra, nos contextos em que ela se encontra, na situação em que é pronunciada, ou, ainda, na “memória” ou na “consciência” de quem pronuncia a palavra.

Pode-se enveredar para o domínio da psicologia, da sociologia ou da filosofia, mas o problema básico é traçar o limite a partir do qual a palavra assume o sentido.

É premente efetuar a distinção entre campo lexical e campo semântico. Este consiste numa palavra, da qual se busca(m) o(s) sentido(s); aquele resume-se num conjunto de palavras para significar determinada atividade.

A análise dos campos lexicais pode efetuar-se quer diacrônica, quer sincronicamente. Neste artigo processou-se a análise lexical sincrônica, uma vez que este se define como uma pesquisa feita em determinado período da língua, para apreender a distribuição das palavras, exprimindo seres, objetos ou noções.

Para León (13, p. 17-18), em relação ao conteúdo, a gíria desenvolve-se em torno de dois pólos: palavras-eixo e conceitos-eixo. Esta terminologia aproxima-se das noções de campo lexical e campo semântico, além de sugerir os métodos onomasiológicos e semasiológico, que levam à apreensão, respectivamente, de uma multiplicidade de expressões (designações) que formam um conjunto e de uma multiplicidade de significações que também formam um conjunto.

Com isso, palavras-eixo são manifestações lingüísticas individuais ou designações que podem figurar em diversas ocorrências, ocasionando uma multiplicidade de significações; já conceito-eixo refere-se a um campo de sentido individualizado, que pode ser representado por diferentes termos.

O *corpus* ilustra tanto casos de palavras-eixo, como de conceitos-eixo, conforme citações e comentários que seguem.

2.4.13.1. *Palavras-eixo*

Geram expressões e/ou frases e dão origem a séries sinonímicas ou expressões paralelas. Do *corpus* podem ser eleitas as palavras-eixo *boca* e *comer*, por gerarem expressões ou frases paralelas, conforme as citações seguintes:

- (143) “*E amanhecem num terreno baldio, furados de bala, depois da tortura, com a boca cheia de formiga.*”
(4, 146, 1)
- (144) “*– Tão todos na boca de espera, mora. Aqui é tudo lixo.*”
(1, 103, 2)
- (145) “*Pretendo tornar-me um boca de litro inteligente, desses que farejam casos difíceis.*”
(4, 147, 3)
- (146) “*Até já vieram me sondar. Mas se dá que eu sou um boca de mocó e daqui não se arranca nada.*”
(2, 22, L 12)
- (147) “*Então, safados infestam o salão e aquela boca do inferno virava um poço de piranhas.*”
(1, 104, 3)
- (148) “*Sebastião Pé de Chumbo gosta de comer, no sossego, o seu filé com salada de agrião, azeitada bem, num restaurante beleza da Boca do Luxo, ali por volta das três, três e meia da tarde.*”
(4, 160, 6)
- (149) “*O bom menino, desmilingüido e de nada, tinha as qualidades para se tornar um homem de dar serviço, um boca mole.*”
(4, 141, 3)
- (150) “*Na cidade, numa boca pesada ou num botequim da favela, dou para me encolher e meto o galho dentro.*”
(4, 150, 3)
- (151) “*Diabo. Estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enfeitado.*”
(1, 136, 5)
- (152) “*Finalistas ficaram Lima e Malagueta, mas quem ganhou foi Perus, re-matando certo as bolas dos dois, comendo-lhes as vidas e comendo o bolo, para mais de quatro mil e quinhentos, que as reentradas foram diversas e os parceirinhos eram afoitos.*”
(1, 118, 5)
- (153) “*Um homem quebra o outro comendo-o pela perna, correndo por dentro dele.*”
(1, 114, 2)

- (154) “*Morar em Carapicuíba numa vila encostada à Aldeia dos Índios comendo pó e amassando vermelho não é viagem melhor e é mais escroto. Camela-se às pampas. Garanto.*”
(4, 149, 5)
- (155) “*Os homens lá em cima assinam um papel e a gente aqui embaixo, na vida, vai comendo quente, agüentando ripada no lombo e cadeia.*”
(2, 24, L 2)
- (156) “*Enfrentaram, encararam e deram cartas em tempo de navalha comendo solta na mão dos vivórios, que mesmosem ela e sem o soco inglês, só na pernada, na caçada e na capoeira, botavam três-quatro valentes pra correr.*”
(2, 21, 1)

Efetuada as citações, em torno das palavras-eixo *boca* e *comer*, passa-se às acepções que cada uma das expressões ou frases paralelas veicula.

PALAVRAS-EIXO: BOCA

Expressão ou frase

(Estar com a) BOCA CHEIA DE FORMIGAS	= ‘(estar) morto’
(Na) BOCA DE ESPERA	= ‘(na) expectativa’
BOCA DE LITRO	= ‘delator’
BOCA DE MOÇO	= ‘aquele que não denuncia’
BOCA DO INFERNO	= ‘submundo’
BOCA DO LUXO	= ‘local onde se localizam bares sofisticados e boates de má fama’
BOCA MOLE	= ‘delator’
BOCA PESADA	= ‘ambiente freqüentado por marginais’
(Estar na) BOCA DAQUELE LOBO	= ‘(estar) sujeito a um ser traíçoeiro’

PALAVRAS-EIXO: COMER

Expressão ou frase

COMER AS VIDAS	= ‘dominar com perfeição’
COMER O BOLO	= ‘ganhar o dinheiro apostado’ ‘no jogo’
COMER PELA PERNA	= ‘vencer, trapaceando o jogo’
COMER PÓ	= ‘trabalhar no pesado’
COMER QUENTE	= ‘passar por dificuldades e privações’
COMER SOLTA	= ‘obter êxito surpreendente’

2.4.13.2. *Conceitos-eixo*

Formam campos semânticos concretos, por meio de uma rede de constelações sinonímicas, relativamente a parte do corpo humano, sexo, mulher, prostituição, homossexualidade, funções fisiológicas, defeitos, qualidades, dinheiro, diversão, comida ou ato de comer, bebidas ou ato de beber, drogas, roubo, polícia, golpes, luta, valores, morte ou ato de morrer ou de matar, blasfêmia, insulto, desprezo, enfado e surpresa.

De fato, o *corpus* alude a esses conceitos-eixo. Foram, todavia, eleitos os conceitos-eixo *drogas*, *dinheiro*, *Boca do Lixo*, para ilustrar esse item, primeiramente com os termos contextualizados e, depois apresentados de forma esquemática.

2.4.13.2.1. Drogas

(Nas citações estão grifados os termos que convergem para esse núcleo semântico.)

- (157) “*Passa o baseado ao vizinho.*”
(4, 137, 5)
- (158) “– *O meu compadre, onde posso arrumar um cheio?*”
(4, 156, 2)
- (159) “*No quieto, a espera pesando, um deles acende o fininho.*”
(4, 137, 5)
- (160) “*Ou junto com o cagüeta, se injeta uma picada, um pico, um euforizante, se fica tomado e se desanda a contar vantagem, tretas, preseçadas.*”
(4, 152, 3)
- (161) “*Faço uma presença. Que me mande logo um pacau, eu estou numa falta que não tem mais tamanho.*”
(4, 157, 9)
- (162) “*Os machos sugando, aspirando forte; repetindo, nervosos, o movimento de chupação, fumacê, querendo que ela corresse pelas veias.*”
(4, 158, 1)
- (163) “*É uma variedade de peças; dos parceirinhos, jogadores, patrões e cavalos, curiosos, remandioleiros, velhos estrepados e sós, desocupados, famintos, gente da noite, fumetas, aos pintas de outros campos, choros, lanceiros e roupeiros, tudo gente que bate carteira, pisa macio e se alivia de qualquer maneira.*”
(4, 153. L 8)
- (164) “*Eu dei bola, um tapa no fuminho, fingi tragar profundo, chupado.*”
(4, 158, 1)
- (165) “*Então, se pede o tira-gosto, já se bebe o traçado e se vai queimar um fuminho num canto enrustido e se fica ligado.*”
(4, 152, 2)

- (166) “*Aqui não se brinca e uma gota não se bebe em serviço, impossível estar zureta, bêbado ou de voação.*”
(4, 146, L 7)

Campo semântico do conceito-eixo: **DROGAS**

BASEADO	=	‘cigarro de maconha’
CHEIO	=	‘quantidade de maconha suficiente para uma boa porção de cigarros’
FININHO	=	‘cigarros de maconha’
EUFORIZANTE	=	‘entorpecente’
FAÇO UMA PRESENÇA	=	‘peço a outro viciado pequena quantidade de maconha’
FUMACÊ	=	‘cheiro de maconha queimada’
FUMETAS	=	‘viciados em maconha’
FUMINHO	=	‘cigarro de maconha’
PICADA	=	‘injeção de entorpecente’
PICO	=	‘injeção de entorpecente’
FICAR TOMADO	=	‘ficar dopado’
QUEIMAR UM FUMINHO	=	‘fumar maconha’
FICAR LIGADO	=	‘ficar sob o efeito de entorpecente’
VOAÇÃO	=	‘sob sensação provocada pelas drogas’

2.4.13.2.2. Dinheiro

- (167) “*O cara disse que não tinha, estava amarrotado naquele momento, mas era isso e aquilo na vida, e toda a despesa ia ficar por isso mesmo*”
(2, 27, 2)
- (168) “*O bolo crescente, o jogo ficando safado. Fica porco, fica sujo como pau de galinheiro. Um homem quebra o outro comendo-o pela perna, correndo por dentro dele. Um bolo de vida fica grande para só um homem comer.*”
(1, 114, 2)
- (169) “*Já a caixinha passada pelos tiras, o vale branco, inda mais pela retatua ligada e furtos e entorpecentes, varia, estica e encurta, mas é sagrada e segredo se o serviço é quente.*”
(4, 145, L, 4)
- (170) “*Queima i pé nas bebidas caras. Mas o pedaço do zé mané estava duro, teso.*”
(2, 27, L 2)
- (171) “*É um derrame, meu; correndo a gaitolina, prosperando.*”
(4, 155, 5)

- (172) *“Onde tem granolina, piranha vem morder
(4, 152, 1)*
- (173) *“Depois, tem ainda a groja dos otários.”
(2, 27, 3)*
- (174) *“Mas um cara altamente cabeça não corre a mão em duzentos mil do
alheio, duzentos lucas de um pancreário japonês e, vacilão, descansado se
esquece jogando crepe nas bocas... sua façanha é pequena.”
(4, 143, 7)*
- (175) *“Malandro ganhar vinte contos, não dar mimo a ninguém, não distribuir
as estias!”
(1, 105, 3)*
- (176) *“Robertinho ia-lhes deixar tortos, tortinhos, sem dinheiro para um café.”
(1, 156, L 7)*
- (177) *“A infeliz tem de servir ao mais acordado, tem de dar na amarra. Tutu,
o vento, o verdadeiro, a erva.”
(2, 28, 2)*
- (178) *“Continuaram o joguinho e o malandro lhe mordeu os últimos, folgando,
devagar, quatro horas de jogo.”
(1, 104, 3)*

Campo semântico do conceito-eixo: *DINHEIRO*

AMARROTADO	=	‘sem dinheiro’
BOLA DE VIDA	=	‘dinheiro como elemento indispensável à sobrevivência
CAIXINHA	=	‘gorjeta’
DURO	=	‘sem dinheiro’
TESO	=	‘completamente sem dinheiro’
GAITOLINA	=	‘dinheiro’
GRANOLINA	=	‘dinheiro’
GROJA	=	‘gratificação’
LUCAS	=	‘cédula de mil cruzeiros’
MIMO	=	‘agrado em dinheiro’
TORTOS (INHOS)	=	‘totalmente sem dinheiro’
TUTU, VENTO	=	‘dinheiro’
VERDADEIRO	=	‘dinheiro’
ERVA, ÚLTIMOS	=	‘dinheiro’

2.4.13.2.3. *Boca do Lixo* (freqüentadores da)

- (179) “*Com a blitz malhando!..., começava a tomar chá-de-sumiço aquele tipinho de cafetão, cafiolo, cafiola de uma mulher só. Com a mina em cana /.../.*”
(2, 25, 2)
- (180) “*A curriola se enfezou.*”
(1, 105, 3)
- (181) “*Opa! Ele estava gostando da dona, mas se esqueceu de uma lei dos malandros: a gente vê com os olhos e lambe com a testa.*”
(2, 23, L 3)
- (182) “*Uma égua de raça que corria na boca e na pretensão de muitos malandros.*”
(1, 148, L 3)
- (183) “*Mulheres da hora moviam as cabeças!.../ na tarefa de chamar homens.*”
(1, 131, 5)
- (184) “*Ali se promisculam tipos vadios, viradores, /.../, surrupiaadores de carteira, estudantes, mulheres da vida, /.../.*”
(1, 148, 5)
- (185) “*Pivete é fera.*”
(4, 141, 7)

Campo semântico do conceito-eixo: **BOCA DO LIXO**

CAFETÃO, CAFIOLO, CAFIOLA	= ‘(gradação de competência de) indiv- explorador de mulher’
MINA	= ‘mulher que sustenta cáften’
CURRIOLA	= ‘turma formada por desocupados’
DONA	= ‘mundana’
ÉGUA DE RAÇA	= ‘meretriz requintada’
MULHERES DA HORA	= ‘prostitutas’
VIRADORES	= ‘indivíduos que tentam uma maneira qualquer de luta pela sobrevivência, após meia-noite’
SURRUPIADORES	= ‘ladrões’
MULHERES DA VIDA	= ‘meretrizes’
PIVETE	= ‘delinquentes’

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como o processo de formação da gíria brasileira – ilustrado no item 2 – foram fundamentados nos estudos do *argot*, já efetuados em outras línguas, tornam-se indispensáveis alguns esclarecimentos.

O *argot* francês aparece dividido em antigo e moderno, sendo o primeiro um código criptológico e o segundo um léxico que, além de criptológico, serve de identidade grupal. Essa transposição de código para léxico fez com que lingüistas afirmassem a inexistência do *argot* no mundo atual. É patente que o *argot* antigo não sobreviveu; em contrapartida, o *argot* moderno perdura.

O exame da gíria brasileira mostrou-a como um léxico, apresentando pontos comuns com o *argot* moderno; no entanto, manifestou algumas peculiaridades que fizeram aparecer dividida em gíria de grupo e gíria comum, entremeadas de termos das linguagens obscena e erótica, sem, contudo, confundir-se com o calão. Diga-se, de passagem, que estas duas linguagens também se manifestam no jargão, porém de modo mais discreto, por ser este uma linguagem especializada de determinada profissão.

O levantamento dos procedimentos de formação da gíria brasileira a partir dos registrados por Guiraud (6) para o *argot* francês, por Pinto (10) para gíria portuguesa, por Mehrotra (9) para o *argot* norte-americano e por León (13) para o *argot* castelhano, demonstrou que muitos procedimentos são comuns nessas diferentes linguagens.

Depois desse confronto, pôde-se chegar a algumas características da gíria brasileira, que apresenta, dentre vários traços, os seguintes:

1. linguagem altamente conotativa, mas com pouco aproveitamento de formas sutis de relação e com grande número de especializações semânticas;
2. frequência da sufixação, em torno da base semântica originária;
3. supressão fônica e derivação por encurtamento de vocábulo, feitas por um povo que mais ouve do que lê;
4. tendência à formação de oxítonas e de formas verbais da primeira conjugação;
5. presença de composição onomatopaica e de repetição de bases significativas com propósito intensificador, além de composições equivalentes e qualificadores;
6. emprego de termos com sentido especializado;
7. depreciação de seres, valores e instituições advindos da sociedade dominante;
8. adaptação fônica de empréstimos;
9. tendência à concretização do abstrato;
10. gosto por formas ritmadas; e
11. predileção por certas palavras-eixo (bastante concretas) e por conceitos-eixo (relativos à prostituição, ao dinheiro, ao jogo, ao roubo, ao tóxico etc.).

Num primeiro estágio, a gíria de grupo marginal circula no âmbito restrito de um grupo marginal. Aí, parece como léxico criptológico e funciona como elemento de identificação e de auto-afirmação dos falantes. Neste ponto aproxima-se ela do *argot*

moderno. E, ao mesmo tempo, veículo de comunicação, de defesa e de preservação do grupo restrito, sendo de observar que quanto mais forte o sentimento de união e de coesão grupal, mais se acentuam as características diferenciadoras do grupo em relação à classe dominante. Nesse primeiro estágio, torna-se ela signo do grupo que a utiliza, mas um signo estigmatizado, do ponto de vista dos grupos não marginais.

O ser signo de um grupo é o traço que torna possível distinguir a gíria da linguagem obscena, da linguagem erótica e da linguagem comum. Deve-se mencionar, contudo, que ela se aproxima da linguagem obscena (= calão = palavrão), porque serve de elemento catártico à evasão de sentimentos dos componentes do grupo restrito. Isto reforça a dificuldade de estabelecer limites entre as linguagens.

As relações sociais, porém agem sobre a dinâmica da linguagem e o emprego da gíria vai, a pouco e pouco, se estendendo para certos contextos situacionais onde, em tempo anterior, não era desejada nem admitida. Caminha para um segundo estágio, ao extrapolar os limites do grupo restrito, e penetra um domínio intermediário, no qual ainda não perde o estigma do grupo de origem, mas não está, ainda, incluída na linguagem comum. Esse segundo estágio e domínio intermediário são os da gíria em trânsito. Daí ela passa a um terceiro estágio, no qual perde aquele estigma, quando se vulgariza: é o estágio da gíria comum. Aqui pode passar facilidade à linguagem comum.

O trajeto da gíria, nascendo como de grupo e passando depois à gíria comum e por fim integrando-se na linguagem comum, não é sistemático nem obrigatório, porque um termo tanto pode vulgarizar-se até atingir a linguagem comum (pela alta frequência e/ou expressividade – legitimada pela consagração do uso –, depois de perder o estigma de linguagem de grupo marginal), quanto o termo pode se desgastar (igualmente pela alta frequência e/ou por não perder o estigma de linguagem de grupo marginal) e desaparecer.

Pelo fato de passar de um estágio para outro, de proceder de um grupo marginal (sem prestígio social) e de poder vir a diluir-se na linguagem comum, a gíria não deixa de ser gíria. Esse fato não a faz desaparecer; ao contrário, estimula-a, dinamiza-a, pois a vulgarização de determinados termos obriga à necessidade e conseqüente criação de novos termos, substituintes daqueles vulgarizados, a fim de que os caracteres criptológico e expressivo da linguagem sejam e continue a existir a marca de identidade dentro do grupo. A gíria vulgarizada representa uma despersonalização do grupo de origem, uma nivelção lingüística que, no último estágio, não implica, de forma alguma, um comprometimento de ordem social ou, mais precisamente, de identidade social como o grupo restrito, marginal, a que ela inicialmente se ligou.

É fato comprovado que as transformações sociais e lingüísticas são incessantes e que a atitude do falante está associada à ideologia moral de cada época e da comunidade a que pertence. Conseqüentemente, os meios de comunicação de massa, nos últimos anos, têm concorrido para a vulgarização da gíria, levantando toda interdição vocabular. Isto equivale a dizer que a gíria de grupo se vulgariza e se renova, e o seu uso, como gíria comum propensa a integrar a linguagem comum, decorrente daquela vulgarização, faz dela uma realidade lingüística operante, tornando-a passível de análise e de estudos acadêmicos. Mesmo que só possa ser estudada, após ter-se vulgarizado.

Na verdade, o estudo da gíria transcende o puramente acadêmico, é falada por grupos diversos que alcançaram destaque de alguma ordem; ocupa manchetes nos meios de comunicação; é altamente produtiva nas mensagens publicitárias; domina filmes, revistas, novelas; veicula uma visão romântica, interna e externa. Resta, por fim, lembrar as palavras de E. Benveniste (*In: Uribe-Villegas (11:196)*):

“Es un parlante el que encontramos en el mundo; un hombre que le habla a otro hombre, y la lengua enseña la definición misma del hombre.”

CABELLO, A. R. G. – Word formation proces of Brazilian slang. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 19–53, 1991.

ABSTRACT: The object of this article is to observe how the word formation process occurs in Brazilian slang, in order to attain its characterization. Within this purpose, JOÃO ANTONIO's fictional literary work provides the necessary corpus, since his books constitute a precious slang repertory.

KEYWORDS: gíria (slang), argot, phonetic, morphossyntactic, lexical and semantic levels.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Do corpus

1. JOÃO ANTONIO. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
2. JOÃO ANTONIO. *Leão-de-chácara*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
3. JOÃO ANTONIO. *Malhação do Judas Carioca*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
4. JOÃO ANTONIO. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

De embasamento teórico

5. CABELLO, A. R. G. *A gíria como linguagem literária em contos de JOÃO ANTONIO*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1987. (Caderno de Divulgação Cultural, 25).
6. GUIRAUD, P. *L'Argot*. Paris: P. U. F., 1956.
7. JESPERSEN, O. “Slang”. *In: Mankind, nation and individual*. London: George Allen e Unwin, 1954.
8. LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*. v. 52/54; p. 61, 94, abr-set, 1978.
9. MEHROTRA, R. R. *Sociology of secret languages*. Simla, Indian Institute of Advanced Study, 1977.
10. PINTO, E. P. A língua popular e a gíria brasileira e portuguesa. *In: Língua e Literatura*. São Paulo: v. 4; p. 93-137, 1975.

11. URIBE-VILLEGAS, O. (editor). *La sociolingüística actual* (algunos de sus problemas, plantamientos y soluciones). México: Universidad Autónoma do México/Instituto de Investigaciones sociales, 1974.

Dos dicionários

12. BESSA, A. *A Gíria portuguesa*. Lisboa: Gomes de Carvalho, 1901.
13. LEÓN, V. *Diccionario de argot español*. Madrid: Alianza, 1981.
14. NASCENTES, A. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1953.
15. SILVA, E. C. da. *Diccionario da gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.
16. SILVA, F. da. *Diccionario de gíria*. 5. ed. São Paulo: Prelúdio, s. d.
17. VIOTTI, M. *Novo dicionário da gíria brasileira*. 3. ed. (ref. cor. aum.), Rio de Janeiro: Tupã, 1957.